

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LURIAN DA SILVEIRA CHAVES

**A GENTE DEU PRA ANALISAR ESSA ESTRUTURA INOVADORA: O
PREENCHIMENTO DA POSIÇÃO PRÉ-VERBAL EM CONSTRUÇÕES COM *DAR*
MODAL**

Jaguarão

2021

LURIAN DA SILVEIRA CHAVES

**A GENTE DEU PRA ANALISAR ESSA ESTRUTURA INOVADORA: O
PREENCHIMENTO DA POSIÇÃO PRÉ-VERBAL EM CONSTRUÇÕES COM *DAR*
MODAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Leonor Simioni

Jaguarão

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C512g Chaves, Lurian da Silveira

A gente deu pra analisar essa estrutura inovadora: o
preenchimento da posição pré-verbal em construções com dar
modal / Lurian da Silveira Chaves.

35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑHOL E RESPECTIVAS
LITERATURAS, 2021.

"Orientação: Leonor Simioni ".

1. Dar auxiliar modal. 2. Estrutura inovadora. 3. Caso
abstrato. 4. EPP. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

LURIAN DA SILVEIRA CHAVES

**A GENTE DEU PARA ANALISAR ESSA ESTRUTURA INOVADORA: O PREENCHIMENTO DA POSIÇÃO PRÉ-VERBAL EM CONSTRUÇÕES
COM DAR MODAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05/10/2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Leonor Simioni

Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Rerisson Cavalcante de Araújo

(UFBA)

Profa. Dra. Jorama de Quadros Stein

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **LEONOR SIMIONI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/10/2021, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JORAMA DE QUADROS STEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/10/2021, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Rerisson Cavalcante de Araujo, Usuário Externo**, em 05/10/2021, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0631201** e o código CRC **789AC65F**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

Aos meus pais, Isnard (*in memoriam*) e Leda,
por sempre acreditarem em mim.

AGRADECIMENTO

Agradeço:

A Deus por todas as bênçãos;

À minha família, meu pai (*in memoriam*) que possa sempre se orgulhar de mim, minha mãe, pelo exemplo, e a minha tia Eloá e meus irmãos Kelven e Kessia por suportarem, com amor, minhas chatices;

Ao meu namorado por seu amor e carinho, conversas e livros;

À minha querida orientadora Leonor por ter me acolhido no mundo da sintaxe e pela paciência em responder minhas repetidas dúvidas;

A todos os meus professores que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para minha formação;

Aos meus colegas por suas amizades acompanhadas de estudos, churrascos, pizzas e conversas no corredor;

Às pessoas que conheci durante este trajeto que me ajudaram a crescer;

A quem dispensar um pouco do seu tempo para ler este simples trabalho.

Muito obrigada!

“No hay lengua alguna a la que se pueda
asignar una edad, porque toda lengua es la
continuación de la que se hablaba antes que
ella.”

Ferdinand de Saussure

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso pretende analisar, a partir da teoria gerativa, a construção *SN dar para INF* com interpretação modal. O verbo *dar* auxiliar gera duas estruturas com formas e interpretações diferentes. A estrutura com interpretação modal tem um *proexpl* na posição de sujeito de *dar* e um SN na oração encaixada onde recebe Caso do infinitivo pessoal e a estrutura aspectual tem um SN alçado para a posição anterior a *dar*, pois em sua posição original, a de argumento externo da subordinada infinitiva, não tem seu Caso licenciado, porém dados como *A gente dava pra ouvir bem os discursos*, com a mesma estrutura da aspectual, mas com leitura modal, começam a ser produzidos. Investiga-se por que o SN está à esquerda do verbo *dar* se em sua posição original já tem dois candidatos à atribuidores de Caso abstrato - a flexão da oração infinitiva e a preposição *para* Marcadora Excepcional de Caso – pois, de acordo com a teoria gerativa, o movimento é desnecessário se o SN já recebeu Caso. Por esse motivo, e reconhecendo uma tendência geral do PB em preencher a posição pré-verbal mesmo em verbos que não selecionam argumento externo, fez-se indispensável a discussão sobre Princípio de Projeção Estendido (EPP) e, conseqüentemente, sobre a possibilidade de o SN anterior a *dar* estar em uma posição de sujeito ou de tópico. A análise aqui feita mostra que a construção *SN dar para INF* assemelha-se às construções de tópicos-sujeito do PB e que as diferenças estruturais podem ser explicadas, segundo a proposta de Nunes (2016), de acordo com as diferentes numerações que uma sentença apresenta.

Palavras-chave: *Dar* auxiliar modal; Estrutura inovadora; Caso abstrato; EPP.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso pretende analizar, a partir de la teoría generativa, la construcción *SN dar para INF* con interpretación modal. El verbo *dar* auxiliar genera dos estructuras con formas e interpretaciones distintas. La estructura con interpretación modal tiene un *proexpl* en la posición de sujeto de *dar* y un SN en la oración subordinada donde recibe Caso del infinitivo personal y en la estructura aspectual hay una estructura de ascenso del SN para una posición a la izquierda de *dar*, pues en su posición original, la de argumento externo de la subordinada infinitiva, no hay Caso asignado, sin embargo datos como *A gente dava pra ouvir bem os discursos*, con la misma estructura de la aspectual, pero con lectura modal, empiezan a ocurrir. Se investiga por qué el SN está a la izquierda del verbo *dar* si en su posición original ya existe dos candidatos a atribución de Caso abstracto - la flexión de la oración infinitiva y la preposición *para* con posibilidad de Marcado Excepcional – porque, según la teoría generativa, el desplazamiento es dispensable si el SN ya obtuvo Caso. Por esa razón, y reconociendo una tendencia general del PB en llenar la posición preverbal incluso en verbos que no seleccionan argumento externo, se hizo indispensable la discusión acerca del Principio de Proyección Extendido (EPP) y, en consecuencia, acerca de la posibilidad del SN anterior al verbo *dar* estar en una posición de sujeto o de tópico. El análisis hecho demuestra que la construcción *SN dar para INF* se asemeja a las construcciones de tópicos-sujeto del PB y que las diferencias estructurales pueden explicarse, por la propuesta de Nunes (2016), según las distintas numeraciones que una cláusula presenta.

Palabras-clave: *Dar* auxiliar modal; Estructura innovadora; Caso abstracto; EPP.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	13
1.1 Verbos impessoais no PB e atribuição de Caso abstrato	13
1.2 <i>SN dar Prep. INF</i>	17
1.3 Síntese do capítulo	19
2 CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	20
2.1 Caracterização dos dados	20
2.2 Análise dos dados.....	23
2.2.1 Tópico ou sujeito.....	23
2.2.2 Caso ou EPP	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Atualmente, há uma grande discussão em torno da classificação do português brasileiro (PB) em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo, sobretudo devido às suas novas configurações sintáticas. Kato e Duarte (2017) investigam a possibilidade de o PB estar indo em direção a uma língua de sujeito não nulo, como o francês, ou ainda ser uma língua de tópico discursivo, como o japonês, visto que existem algumas particularidades em comparação às línguas *pro-drop*. O PB, diferente do português europeu, apresenta poucas restrições em relação ao elemento que pode ocupar a posição de sujeito: argumentos ou não-argumentos de verbos que selecionam ou não o argumento externo, com manifestação de concordância.

A questão do preenchimento do sujeito e de uma possível mudança de parâmetro do PB eram discussões recorrentes no FormaLin, grupo de estudos do qual participo, sobretudo pelo caráter inesperado de algumas estruturas. Alguns exemplos vinham à tona, como o preenchimento do sujeito em sentenças existenciais ou em sentenças com verbos meteorológicos. Uma das estratégias de preenchimento dessa posição era o alçamento de um item de dentro desta oração para a posição anterior ao verbo principal, como parece acontecer com a estrutura tema deste trabalho. A sequência “A gente dá pra sentir a vibração no estádio” mostrou-se interessante para ser pesquisada por ser uma estrutura inovadora e pouco abordada na literatura.

A estrutura investigada é, portanto, a construção *dar para* + infinitivo com SN na posição pré-verbal com leitura modal. Imaginando que esse SN se desloque da posição de sujeito da oração subordinada, nos perguntamos por que isso aconteceria, se, em sua posição inicial, teria dois candidatos a atribuir caso abstrato? Esse é o problema a ser tratado ao longo deste trabalho. Para respondê-lo, precisamos compreender se ocorre o movimento do SN da oração subordinada para a oração matriz ou se, por outro lado, esse SN é gerado diretamente nessa posição e também que posição é essa, sujeito ou tópico. Caso se trate de movimento, resta-nos saber se ele acontece para satisfazer uma necessidade própria do SN - receber Caso - ou por uma necessidade da estrutura, como preencher a posição de sujeito para satisfazer o EPP (Princípio de Projeção Estendido).

Nosso objetivo é investigar por que o SN está nessa posição. Para isso, fazemos um levantamento de ocorrências da construção e de análises já existentes na literatura e descrevemos as características do verbo no infinitivo e do sintagma na posição à esquerda de *dar para* ao fim propor uma análise.

Este trabalho mostra-se relevante, pois estuda uma nova estrutura com leitura modal no PB. Até onde sabemos, há poucos trabalhos sobre esses dados, e Pires de Oliveira (2000) afirma a impossibilidade de uma interpretação modal para essas estruturas. Este estudo é importante, pois nos aproxima de outros dados - como o verbo *ter* existencial e outros verbos impessoais - que, de maneira não esperada, vêm preenchendo a posição pré-verbal da sentença, o que pode ser um indício de uma mudança mais geral da língua.

O trabalho está organizado em dois capítulos. No capítulo 1, faremos uma revisão de conceitos importantes que estão diretamente relacionados ao nosso tema e apresentaremos as análises de Gorski (2000) e Pires de Oliveira (2000), autoras que já haviam discutido essa estrutura emergente. O segundo capítulo está dedicado à caracterização dos dados coletados, como particularidades sobre o SN à esquerda de *dar* e sobre este verbo auxiliar; a partir disso, proporemos uma análise que leve em conta a ocorrência ou não de movimento e a posição final do SN. Para finalizar, apresentaremos as considerações finais e perspectivas futuras.

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Verbos impessoais no PB e atribuição de Caso abstrato

Tradicionalmente, impessoais são os verbos que apresentam apenas a conjugação de terceira pessoa do singular, diferente dos verbos pessoais que, como o nome diz, possuem mais distinções. Isso acontece porque eles não selecionam argumento externo. Os verbos impessoais são: os climáticos, assim como os verbos de alçamento e os existenciais; outros verbos, porém, podem passar a ser impessoais, um exemplo é o verbo *dar* que, no seu sentido mais conhecido, é bitransitivo¹. Os dados abaixo mostram exemplos dos verbos mencionados, respectivamente.

- (1) a. *Choveu* muito nessas cidades.
 b. *Parece* que a Maria saiu cedo.
 c. Não *tem* mais comércio no bairro.
 d. Antigamente, *dava* para os meninos saírem.

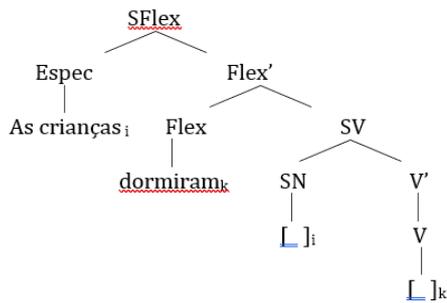
Na teoria gerativa, assume-se que toda sentença tem um sujeito e que todo SN precisa de Caso abstrato². O Caso Nominativo do SN sujeito é atribuído pela flexão verbal, sendo assim podemos nos perguntar o que acontece com verbos impessoais. Para esta teoria, nesses casos existe um expletivo na posição de sujeito. Os expletivos seriam os sujeitos das “orações sem sujeito” da Gramática Tradicional, ou seja, das orações com verbos impessoais. São pronomes sem conteúdo semântico e sem conteúdo fonético³, como definem Berlinck, Duarte e Oliveira (2017): um *pro* expletivo que, ao ocupar a posição de especificador da Flexão, recebe Caso como os demais pronomes expressos (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2018). Em (2.a), o SN recebe Caso Nominativo da Flexão. Se *as crianças* é sujeito de dormir e recebe Caso, o expletivo em (2.b) é igualmente sujeito do verbo, recebendo Caso.

¹ Alguns autores, como Silva (2018), evidenciam a produtividade deste verbo que, além de predicador, pode ser verbo leve, mesoconstrução, auxiliar modal, auxiliar aspectual e introduzir uma expressão idiomática.

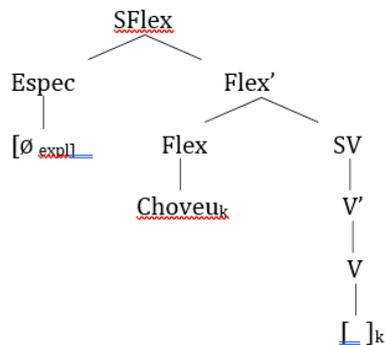
² A função do Caso é distinguir os argumentos - externo e interno - de um dado predicador. Todas as línguas têm Caso, porém existem línguas com Caso morfológicamente marcado e línguas com Caso abstrato. Nestas últimas, o Caso é verificado pela ordem linear dos SNs (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2018).

³ No PB, os expletivos não são pronunciados. Línguas de sujeito preenchido como o inglês ou o francês apresentam expletivos lexicais, ou seja, com conteúdo fonético.

- (2) a. As crianças dormiram.⁴



- b. [*pro_{expl}*] Choveu.



Berlinck, Duarte e Oliveira (2017) apontam que no português brasileiro há uma tendência ao preenchimento da posição à esquerda do verbo, seja pelo movimento de locativos com verbos climáticos (3.a), pessoalização do verbo existencial *ter* (3.b), ou ainda com o movimento de locativos ou genitivos para posição de sujeito de verbos inacusativos (3.c,d). As autoras justificam que essa propensão se deve ao fato de o PB rejeitar o preenchimento da posição de especificador de SFlex com um expletivo lexical, preferindo, ao invés do expletivo nulo, um elemento referencial exposto de diversos tipos. Já, Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2018) afirmam que esse movimento é necessário para licenciar sintagmas que não receberam Caso por impossibilidade de seu atribuidor padrão.

- (3) a. *Essas cidades* chovem muito.
 b. *A gente* não tem mais comércio no centro da cidade.⁵
 c. *Meu jardim* nasceu um monte de mato.
 d. *Meu relógio* quebrou o ponteiro.

⁴ As árvores em (2) foram retirados de Berlinck, Duarte e Oliveira (2017, p. 89)

⁵ Retirado de Kato e Duarte (2017, p. 19), significando que não existe mais comércio neste local, e não que o falante era proprietário de um comércio e não é mais.

Esse deslocamento pode acontecer tanto com períodos simples, como vimos acima, quanto com períodos compostos. Um exemplo bastante discutido na literatura é o caso do verbo *parecer*:

- (4) a. *Parece os meninos dormir.
 a'. Os meninos parecem dormir.
 b. Parece que os meninos dormiram.
 b'. Os meninos parecem que dormiram.

A agramaticalidade de (4.a) deve-se ao fato de *os meninos* não ter Caso em sua posição inicial, pois o verbo *dormir* é um infinitivo impessoal, não podendo ser atribuidor. Então, para receber Caso, o SN precisa ser alçado para uma posição acima, de Especificador de Flexão, como acontece com (4.a'). Diferente destes dados, em (4.b') temos um exemplo de hiperalçamento, que é o movimento do sujeito de uma oração encaixada finita para a posição de sujeito da oração matriz.⁶ O interessante é que o movimento em (4.a') é absolutamente necessário, enquanto que o movimento em (4.b') é aparentemente opcional.

A mesma opcionalidade parece acontecer com a construção *dar para*:

- (5) a. Dava pra gente ir a festas antes da pandemia.
 b. A gente dava pra ir a festas antes da pandemia.

Do mesmo modo que o verbo *parecer*, o verbo subordinado em (5) atribui Caso pela flexão. Podemos confirmar isso pelo infinitivo pessoal expresso em (6.b). Mesmo que o infinitivo não atribuísse Caso, como acontece em (4.a), existe uma preposição nas orações com verbo *dar* que tem a propriedade de Marcação Excepcional de Caso (6.c), apesar de ser uma forma estigmatizada pela gramática tradicional.

- (6) a. Dá pra eu comer o bolo.
 b. Dá para as crianças comerem o bolo.
 c. Dá pra mim comer o bolo.

⁶ Segundo Martins e Nunes (2005), o hiperalçamento ocorre porque a flexão finita no PB pode estar associada a um conjunto incompleto de traços.

É preciso mencionar que o incômodo dos normativistas em aceitar sentenças como (6.c) deve-se à dificuldade em considerar a preposição como atribuidora de Caso (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2018), visto que sentenças semelhantes, porém com verbos de Marcação Excepcional de Caso (ECM), são totalmente licenciadas e mesmo preferidas pela norma. Em (7.a) *eles* recebe Caso canonicamente do infinitivo flexionado, mas esta configuração não é tão bem vista quanto sua forma oblíqua, em ênclise ao verbo da oração principal (7.b), que, do mesmo modo que a preposição *para*, atribui Caso para o argumento externo de sua oração complemento.

- (7) a. A Maria viu eles rirem.
b. A Maria viu-os rir.

Junto com um conjunto restrito de verbos, a preposição *para* é a única capaz de atribuir Caso excepcionalmente. A observação de *dar de*, estrutura de variação com *dar para*, ambas com o mesmo sentido modal, sugere outro argumento favorável a esta constatação. Apesar da semelhança, é curioso que o arranjo sintático com *dar de*⁷ não permite o pronome *mim*, o que mostra que *para* é uma preposição com propriedades particulares que permitem a marcação excepcional.

- (8) a. Dá pra mim comer o bolo.
b. *Dá de mim comer o bolo.

A preposição *para* é um elemento que diferencia a estrutura estudada neste trabalho do verbo *parecer*; outra especificidade do verbo *dar* é a possibilidade de o infinitivo da oração subordinada ser flexionado e poder atribuir Caso (9.b).

- (9) a. *Parece os meninos dormirem.
b. Dá para os meninos saírem.

Assim, ainda que, em um primeiro momento, pudéssemos considerar semelhantes os verbos *dar* e *parecer*, com a estrutura *SN dar para INF* sendo gerada por alçamento, as

⁷ Neste trabalho, não nos ocuparemos destes dados, mas em pesquisas futuras abordaremos as características dessa locução em comparação com os dados estudados aqui, inclusive investigar se também é possível o alçamento.

observações mencionadas nos levam a aprofundar mais as pesquisas sobre a estrutura com *dar para INF*. De qualquer maneira, utilizaremos estudos com o verbo *parecer* para compreendermos essa nova configuração sintática, mas manteremos nossa atenção nos dados com o verbo *dar* por serem, até este momento, pouco discutidos na literatura.

1.2 *SN dar Prep. INF*

A estrutura *SN dar Prep. INF* já é conhecida em seu emprego como oração aspectual, ou seja, com sentido de reiteração (10). *Dar para* também pode ser usado com uma leitura modal⁸, mas com uma configuração sintática diferente (11):

- (10) Eles deram pra sair mais cedo.
- (11) Deu pra eles saírem mais cedo.

Porém, em alguns dados é possível ver a mesma configuração sintática das orações aspectuais (12) com interpretação modal (13):

- (12) A gente deu pra falar bobagem no meio da aula.
- (13) A gente dá pra sentir a vibração no estádio.

O que surpreende é que a mesma estrutura, com a mesma ordem, sugere uma interpretação diferente para cada oração, sem dar margem para outra leitura: (12) vai ser sempre aspectual e (13) só pode ser modal⁹.

Pires de Oliveira (2000) demarca que a estrutura modal e a aspectual de *dar para* são bem diferentes. Para ela, a inserção do sujeito ou transforma o modal em aspectualizador, como vimos no contraste entre (10) e (11), ou resultaria em uma sentença inaceitável (PIRES DE OLIVEIRA, 2000, p. 3). A pesquisadora acrescenta ainda que o sujeito da modal é um expletivo nulo sem papel temático, pois o verbo da oração principal é inacusativo. Gorski, porém, vai

⁸ De acordo com Lunguinho, “a modalidade é uma categoria linguística cujo significado tem a ver com a expressão de possibilidades e necessidades [...] [por meio dela] somos capazes de falar de coisas que estão muito além de nossa realidade presente e factual”. (2011, p. 120-121).

⁹ Coelho e Silva (2014) e Gorski (2000) defendem que o verbo *dar* está se gramaticalizando e que a semelhança entre estruturas faz parte desse continuum de gramaticalização. Qualquer que seja o motivo, o fato é que temos evidências de que a estrutura normalmente associada a *dar para* aspectual vem sendo usada também com sentido modal.

apresentar o dado (14) “claramente como auxiliar modal” (GORSKI, 2000. p. 25), só que com a estrutura normalmente associada ao aspectual.

(14) A gente ia almoçar, né? Praticamente almoçava porque a gente dava pra repetir, né? Pra repetir uma, duas vezes.¹⁰

Pires de Oliveira também aborda a questão da correferência em sua pesquisa, considerando que na estrutura aspectual é necessário haver correferencialidade, mas na estrutura modal não é possível existir relação anafórica, não havendo, portanto, alçamento. Gorski (2020), porém, afirma que não há dúvida quanto ao estabelecimento de correferencialidade entre os sujeitos de *dar* e *repetir*, e que construções como (14) “provavelmente derivem, por um processo de topicalização por alçamento, de algo como *dava pra gente repetir*” (GORSKI, 2020, p. 4349).

A investigação de Pires de Oliveira relembra ainda que o infinitivo flexionado só ocorre com sentenças de modalidade (15.c), não sendo possível na aspectualidade (15.a).

- (15) a. *Eles deram para fumarem.
 b. Eles deram para fumar.
 c. Deu pra eles fumarem.

A pesquisadora também menciona a topicalização em seu trabalho e diz que *o meu dinheiro* em (16) é complemento de *viver*, ou seja, um item topicalizado, diferente de Gorski (2000), que assume que é sujeito de *dar*.

(16) O meu dinheiro dava pra gente viver bem.¹¹

Acreditamos, assim como Gorski, que a topicalização em estruturas semelhantes a esta pode ter sido um gatilho para que também os sujeitos começassem a ser movidos, como parece acontecer em (14). Restaria saber se esse alçamento se dá para uma posição de sujeito (Spec,TP) ou de tópico (Spec,TopP).

Outro dado que gerou divergência entre as pesquisadoras foi com relação à oração

¹⁰ Retirado de Gorski (2000, p. 26)

¹¹ Retirado de Gorski (2000, p. 23)

abaixo. Pires de Oliveira, ao considerar (17) somente como aspectual, afirma que o dado é inaceitável, visto que não é possível haver repetição do evento *morrer*, já Gorski considera totalmente gramatical, pois o vê como modal.

(17) Pelo menos, ele deu pra morrer em paz.¹²

Esse pode ser outro indício da reanálise generalizada dos impessoais com preenchimento da posição pré-verbal. Com a impossibilidade da leitura aspectual para alguns verbos como *morrer*, no qual não é possível uma reiteração, passamos a interpretar e usar esta configuração sintática apenas como modal. Nossa tendência é analisar as sequências (14) e (17) como modais, da mesma forma que Gorski, cogitando a probabilidade de serem ambíguas para diferentes falantes e atentando para o fato de construções como (17) poderem ser o gatilho para o uso da estrutura aspectual com leitura modal, porém, sem produzir ambiguidade.

1.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos alguns conceitos fundamentais para a compreensão da estrutura sintática que pretendemos analisar e revisamos as principais características da estrutura *SN dar para INF* a partir de Gorski (2000) e Pires de Oliveira (2000). Foi levantado que a ambiguidade entre a leitura modal e aspectual em sentenças com a mesma realização fonológica pode ser explicada devido a uma tendência do preenchimento da posição pré-verbal dos verbos impessoais no PB e pela impossibilidade de leitura aspectual para alguns verbos, sendo possível apenas a leitura modal, que então se generaliza. No capítulo 2, descreveremos os dados coletados para em seguida passarmos para a análise dos dados, na qual voltaremos para as questões delineadas na introdução.

¹² Retirado de Pires de Oliveira (2000, p. 4)

2 CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos uma descrição mais detalhada das características dos dados coletadas, para, em seguida, apresentar uma proposta de análise. Os dados foram coletados ao longo de aproximadamente dois anos, de forma espontânea, em conversas e também em programas de rádio e televisão. Também consultamos a base de dados do NURC para verificar a presença da estrutura sob investigação. Obtivemos, no total, 44 ocorrências, que passamos a descrever agora.

2.1 Caracterização dos dados

Gorski observa em sua pesquisa que *dar* nessa configuração sintática “emergente”, ou seja, *SN dar Prep. INF* com leitura modal, “tem sujeito P1, P3, P4 e P6 e pode aparecer em tempo verbal diferente do presente (dava) - um indicativo de expansão de contexto gramatical” (GORSKI, 2020, p. 4353) algo que também nos deparamos em nossa investigação ao perceber que os dados apresentavam diferentes pessoas e distintos tempos verbais.

Quanto aos elementos na posição pré-verbal, podemos separá-los em 2 grupos: i. sujeito da oração encaixada - sujeito que pode ser nominal ou pronominal e ii. outros elementos da oração encaixada – adjuntos ou complementos do verbo subordinado expressos como SNs ou como pronomes. Nestes dois grupos, podemos encontrar diferentes traços, alguns mais proeminentes com os sujeitos e outros, com os demais elementos, conforme é possível visualizar no quadro abaixo, que também indica a manifestação ou não de concordância entre o SN pré-verbal e o verbo *dar*:

Quadro 1 – Caracterização do SN pré-verbal

TRAÇOS	SUJEITOS (37)				OUTROS ELEMENTOS (7)			
	CONCORDÂNCIA		S/ CONCORDÂNCIA		CONCORDÂNCIA		S/ CONCORDÂNCIA	
	PRON.	SN	PRON.	SN	PRON.	SN	PRON.	SN
+animado/ +humano/ +definido/ +específico	20	3	1	0	0	0	0	0
+animado/ +humano/ +definido/ -específico	8	0	2	0	0	0	0	0
+animado/ -humano/ +definido/ +específico	0	0	0	0	0	0	0	0
-animado/ -humano/ +definido/ +específico	0	2	0	0	4	3	0	0
-animado/ -humano/ +definido/ -específico	0	1	0	0	0	0	0	0
-animado/ -humano/ -definido/ -específico	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração própria

Entre os dois grupos há uma discrepância que salta aos olhos: os sujeitos (18) tendem a ser elementos mais animados e mais específicos, enquanto os outros elementos (19) apresentam uma diversidade reduzida de traços, sendo em sua totalidade menos animados e mais específicos. Além disso, observa-se uma preferência dos sujeitos com a realização pronominal, enquanto que nos demais elementos a distribuição é mais equilibrada entre SNs e pronomes.

- (18) a. Eu já tô dando pra fazer rabinho (no cabelo).
 b. Eu não vou dar pra eu caminhar.
 c. Tu dá pra ver que ela mentiu.
 d. Pelo que ele deu pra entender...
 e. Quando a gente vem aqui falar com vocês a gente não dá pra colocar uma máscara.
 f. havia em determinados lugares que a gente nem dava pra ver o trem ficava completamente escuro.¹³
 g. Nós não vamo dá pra ir nos tudo.
 h. Acho que vocês... acho que deram pra perceber onde eu tô querendo chegar.

¹³ Retirado de NURC RE DID 119 INF 134 [1978, II, F]

- i. Isso aí dá pra quebrar.¹⁴
- j. O carro não dá pra sair.

- (19)
- a. Sete ovo arrebetado ainda dão pra aproveitar.
 - b. Cê acha que o tempo vai dá pra esquecer isso tudo?
 - c. pra ver se ele [= o rabanete] dá pra comer.
 - d. Ele [= o forno do fogão] nunca deu pra baixar.

Obviamente, também aparecem como sujeito pronomes com interpretação genérica (18.c) e (18.f), bem como SNs (18.j), apesar de ser em uma frequência mais baixa. Já nos demais elementos, a única alternância é quanto à forma de apresentação do item pré-verbal, que pode ser tanto SN (19.a) e (19.b) quanto pronome (19.c) e (19.d).

Note também que em (18) e (19) encontram-se dados com diferentes pessoas do discurso, algumas com marcação evidente de concordância (18.a), (18.g), (18.h) e (19.a) e um número reduzido sem concordância, como vimos no quadro e exemplificamos em (18.b).

Passando para a descrição da categoria morfológica do verbo *dar*, conseguimos visualizar, no mesmo conjunto de dados acima, a produtividade das diferentes formas verbais: presente do indicativo, como (18.e) e (19.a), pretérito perfeito (18.d), (18.h) e (19.d), pretérito imperfeito (18.f). Podemos ainda acrescentar o dado (20), que exemplifica futuro do pretérito do modo indicativo e evidencia uma nítida concordância da primeira pessoa do plural.

- (20) Acho que daríamos pra pensar nisso.

Além dos tempos citados, uma forma recorrente que encontramos nos dados de fala foi a locução com os verbos *estar* ou *ir* mais gerúndio. Nesta locução, vemos nitidamente o estabelecimento da concordância (18.a), (18.g) e (19.b). Podemos visualizar melhor a ocorrência dos tempos verbais no quadro abaixo:

¹⁴ Retirado de NURC RE DID 044 INF 053 [1977, I, F]

Quadro 2 – Tempos verbais de *dar* modal

TEMPOS VERBAIS					
Presente	Locução Verbal - Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
22	10	8	2	1	1

Fonte: Elaboração própria

Esse panorama corrobora a observação de Gorski (2020), já mencionada aqui, em relação à produtividade da estrutura com *dar para* infinitivo com sentido modal. Passemos, agora, à análise dos dados.

2.2 Análise dos dados

Na seção anterior, vimos algumas particularidades acerca dos elementos em posição pré-verbal, divididos em sujeito da subordinada e outros elementos da subordinada. Vimos que podem remeter ao sujeito ou a outros elementos da subordinada, são em sua maioria mais animado e mais específico, ocorrem mais na forma pronominal, e se combinam com uma diversidade de tempos verbais. Pelos dados em (18), também pudemos ver ocorrências com todo o paradigma pronominal do PB, o que mostra a expansão dessa estrutura. Ainda assim, alguns pronomes são mais produtivos que outros, como é o caso de *a gente* que aparece em 18 dos 34 dados com pronomes. Nesta seção, nos deteremos um pouco mais sobre suas características. Buscando propor uma análise, voltaremos às perguntas colocadas na Introdução: que posição o elemento pré-verbal ocupa na estrutura? A estrutura é gerada por movimento? Começaremos pela primeira.

2.2.1 Tópico ou sujeito

A hipótese que investigamos primeiramente é a de que os SNs à esquerda do verbo *dar* são sujeitos, visto que uma das definições existentes sobre o sujeito é de ser o SN que concorda com o verbo, e exatamente isso que acontece em alguns de nossos dados. Apesar de ser um número reduzido, 8 de 37 dados, isto é significativo já que se trata de um verbo impessoal.

- (21) a. Eu já tô dando pra fazer rabinho no cabelo.
b. Acho que daríamos pra pensar nisso.

c. Acho que vocês deram pra perceber onde eu tô querendo chegar.

Além da visível concordância nos três dados exemplificados em (21), chama atenção o fato de que mesmo os pronomes não estando foneticamente realizados a concordância se mantém. A presença de elementos na posição à esquerda do verbo *dar* modal parece estar tão naturalizada que está acontecendo sem a necessidade de um SN expresso.

Outra evidência que nos direciona para esta hipótese é a presença de *cê*, a contraparte fraca do pronome *você*, em nossos dados (22).

(22) Então *cê* dá pra parcelar pra Silvia ou pra Sandra.

Cardinaletti e Starke (1999) propõem uma tripartição do sistema pronominal em pronomes fortes, pronomes fracos e clíticos, cada classe apresentando mais debilidades em relação à classe superior. Petersen (2008), com base nesses estudos, expõe algumas particularidades de *cê* que não pode ser considerado nem como pronome forte nem como clítico, colocando-o numa outra classificação, a de pronome fraco.

Essa particularidade pode ser vista em (23) pela comparação dos pronomes do português brasileiro (23.a) com as formas forte e fraca, respectivamente, do francês em (23.b). Nestas construções podemos ver que o pronome fraco, em sua posição de especificador da flexão, pode co-ocorrer com um tópico.

(23) a. Você, *cê* ri de todo mundo.
b. *Moi, je parle*.

Diferente dos pronomes fortes, os pronomes fracos não podem, dentre outras restrições, ser topicalizados e nem co-ocorrer com um SN sujeito, “visto que possuem uma deficiência estrutural que os impedem de sê-lo” (PETERSEN, 2008. p. 435), como é possível ver no conjunto de dados em (24).

(24) a. Você ele não viu.
a'. **Cê* ele não viu.
b. *Cê* parece que não quer sair.
b'. **Cê*, o João me contou que não quer sair.

A impossibilidade de topicalização com a forma fraca *cê* em (24.a') e em (24.b') seria mais uma evidência favorável à hipótese de que os elementos na posição anterior a *dar* modal tendem a ser sujeitos e não tópicos, como já sugeriria a concordância dos demais dados.

Mesmo que na maioria dos dados coletados o elemento dispare concordância de terceira pessoa do singular, e por isso não é possível dizer nada definitivo sobre uma relação sujeito-verbo, podemos considerá-los sujeitos por analogia aos casos com concordância. Estudemos mais atentamente o pronome *a gente* onde também é possível identificar essa tendência.

O pronome *a gente* possui a característica de que tanto pode ser um pronome referencial quanto expressar uma genericidade; em nossos dados essas duas interpretações equilibram-se, porém esse caráter genérico é sempre muito presente. A estrutura modal é igualmente associada a esse sentido mais indeterminado e impessoal, sua tradicional estrutura (25.a) reflete isso. Com a tendência da marcação do sujeito no português brasileiro, esse sujeito arbitrário também começa a ser preenchido e o elemento que mais sugere essa genericidade é *a gente* (25.b). O português brasileiro tem uma grande propensão ao preenchimento da posição pré-verbal de verbos impessoais, como já vimos ao começo deste trabalho e retomamos em (25.c), o que favoreceria (25.d).

- (25)
- a. Dá pra sair quando terminar a pandemia.
 - b. Dá pra gente sair quando terminar a pandemia.
 - c. A gente não tem mais comércio no centro da cidade.
 - d. A gente dá pra sair quando terminar a pandemia.
 - e. Tu não dá pra confiar nem no pessoal que tá ali.

Pelo que acabamos de mencionar e pela produtividade de dados com esse pronome, podemos hipotetizar que tenha sido ele que desencadeou este processo para os demais pronomes. Uma vez que o sistema aceita esse pronome genérico na posição de sujeito, abre-se caminho para que outros elementos façam o mesmo, como já se pode ver em (25.e) em que *tu* que da mesma forma que *a gente* também possui um sentido genérico.

Em (26) temos um paradigma similar a (25), pois um *a gente* genérico é acrescentado na sentença subordinada sem nenhuma interferência ao sentido da oração (26.b). Como estamos acompanhando aqui, não há nenhum problema que este SN fique à esquerda do verbo *dar* (26.c).

- (26) a. O problema da violência_i dá pra consertar t_i na base.¹⁵
 b. O problema da violência_i dá pra gente consertar t_i na base.
 c. O problema da violência_i a gente_j dá pra t_j consertar t_i na base.
 d. O problema da violência_i ele_i dá pra consertar t_i na base.

Num primeiro momento poderíamos considerar que o objeto *o problema da violência* torna-se o sujeito da sentença matriz pela semelhança com os dados até aqui estudados, mas por se tratar do tópico conversacional sabemos que se trata de um deslocamento à esquerda. A inserção de *a gente* na oração matriz (26.c) retoma nossa hipótese de que este elemento pronominal é o sujeito da sentença, pois a posição de tópico já está ocupada. Outra possibilidade é a duplicação do tópico com uma forma pronominal (26.d). Esta construção, ainda que mantenha um sentido de tópico discursivo, assemelha-se a uma clássica construção de sujeito e verbo, fazendo-nos pensar que essa pode ser uma posição de sujeito. Esta construção é bastante frequente, como podemos conferir também em (27).

- (27) a. O prato a gente não deu pra trazer.
 b. A noção de intolerância a gente dá pra entender dessa forma.

Uma questão relevante que Gorski (2020, p. 4349) menciona é que estruturas como estas com o *dar* modal inovador, seguramente, derivam de um processo de topicalização por alçamento de um constituinte que estava na oração subordinada. O que antes era um item movido para uma posição de tópico agora está sendo reinterpretado como sujeito. Essa hipótese é constatada pela concordância encontrada nos dados analisados, que seria a última fase de verificação da relação entre um sujeito e um verbo.

Configurações como (26.d), por serem limítrofes entre uma interpretação de tópico ou sujeito, revelam que, possivelmente, foram estruturas de objetos deslocados que geraram as construções que hoje percebemos claramente como sujeito, o que confirma a proposta de Gorski, e indica-nos que estes dados certamente ainda estão em um estágio de mudança, a ponto de (26.d) em algum momento começar a estabelecer concordância com o verbo com que se relaciona (28.b), como já ocorre em (28.a).

¹⁵ Retirado do NURC RJ DID 233 [1992, III, M]

- (28) a. Sete ovo arreventado ainda dão pra aproveitar.
b. Os problemas da violência dão pra consertar.

Estaríamos de acordo em considerar que esses SNs são sujeitos da sentença, não fosse por um possível problema que esta análise evidencia: o fato de não haver uma diferença estrutural entre o *dar* auxiliar modal e o *dar* auxiliar aspectual. Levando em consideração que na estrutura aspectual há um alçamento de sujeito e que existe uma diferença de sentido entre as sentenças aspectuais e modais, ponderamos a possibilidade de que apesar da aparente semelhança linear entre as duas, haveria diferenças estruturais, então passamos a considerar que os SNs à esquerda de *dar* modal podem estar em uma posição de tópico. Essa hipótese baseia-se em uma tendência mais geral vista no PB, como já apontava Pontes (1987), de substituir o *proexpl* de verbos impessoais por SNs pronunciados, argumentais ou não. Estes SNs muitas vezes são elementos movidos da posição interna da oração (29.a') e outras vezes são SNs inseridos diretamente na posição anterior do verbo matriz (29.b'). Todos eles com uma aparência de tópico.

- (29) a. Cabe muita gente na Belina.
a'. A Belina cabe muita gente.
b. Caiu a ligação.
b'. O telefone caiu a ligação.

Um primeiro ponto que nos leva a considerar esta outra hipótese é a existência de um dado de nosso levantamento, único, porém curioso por sua especificidade (30.a). O diferencial dele é a não existência de concordância do SN, na primeira pessoa do singular, com o verbo *dar* na terceira pessoa do singular, diferente de todos os demais dados que apresentavam concordância compatível, ainda que na terceira pessoa do singular. Outra particularidade é o preenchimento das duas posições à esquerda, tanto do verbo encaixado quanto do verbo principal.

- (30) a. Eu já não deu pra eu caminhar.
b. Eu não vou dar pra ir no banco amanhã.

O dado em (30.a) mostra-nos que esse pronome é claramente um tópico, o que sugere que esta

posição é preenchida por elementos da mesma natureza.

Os dados coletados, como exemplificados em (30), parecem apontar para a formação de um paralelo. Quando existe concordância com o verbo matriz não há o preenchimento das duas posições, e quando não há concordância com o verbo matriz, as duas posições estão preenchidas.

Pensando sob essa nova perspectiva, e a partir das inquietações de Martins e Nunes (2005), sobre construções semelhantes às nossas nas quais há concordância entre um SN à esquerda e o verbo matriz, observamos que deveríamos verificar se o SN está em uma posição argumental ou não; uma das maneiras de testar isso é percebendo se a estrutura modal inovadora é compatível com expressões *Qu*. Para que a hipótese de sujeito se confirme, a construção deve ser gramatical, a estrutura mostrará que o SN está em uma posição argumental, doravante A. Para que a hipótese de tópico se confirme a configuração deverá ser agramatical, indicando que os SNs estão em uma posição não argumental (A').

- (31) a. *Quando que os meninos deu pra ficar em casa?
 b. Quando que os meninos deram pra ficar em casa?

A agramaticalidade de construções interrogativas como (31.a) indica que *os meninos* está em uma posição A', o que confirma a hipótese de que este SN seja um tópico. Podemos visualizar que, mesmo sendo uma sentença agramatical, o sentido de possibilidade, próprio do dar modal, permanece. Por outro lado, (31.b) é totalmente aceitável, sugerindo que o SN seja um sujeito. Este exemplo, contudo, não se mostra conclusivo na medida em que a interpretação mais saliente é a de aspectual. Esta, inclusive, pode ser a diferença estrutural que buscamos: à medida que a ausência de concordância mostra uma interpretação modal enquanto a concordância na oração interrogativa leva a uma leitura aspectual, pode significar que na primeira trata-se do sujeito da oração, por isso estabelece concordância, e que na última é tópico, por isso a ausência de concordância e a agramaticalidade da estrutura.

Como visto, algumas evidências apontam para a possibilidade de o SN pré-verbal ser tópico e outras apontam para a possibilidade de ser sujeito. O problema de considerar esta última é que não encontraríamos uma diferença estrutural entre modal e aspectual. O certo é que, na maioria dos dados, a interpretação é direcionada por elementos contextuais e linguísticos - a ausência da negação em (32.a), por exemplo, direciona a interpretação para o sentido aspectual, enquanto que o acréscimo desse item prioriza a leitura modal (32.a') - ou pelo tipo de verbo da oração subordinada, que permitirá apenas uma leitura, como em (32.b)

que somente pode ter o sentido de possibilidade, no entanto, em outros casos (32.c) as estruturas são linearmente idênticas e a ambiguidade permanece.

- (32) a. A gente deu pra falar bobagem no meio da aula.
 a'. A gente não deu pra falar bobagem no meio da aula.
 b. Pelo menos ele deu pra morrer em paz.
 c. Eles deram pra sair mais cedo.

O que pode estar acontecendo com relação aos dados modais com comportamentos distintos - ora parecem tópicos; ora, sujeitos - é que SNs, antes claramente tópicos, começam a ser reinterpretados como sujeitos e isso explicaria as diferentes evidências, alguns dados estariam no início do estágio de mudança e outros em um processo mais avançado chegando a estabelecer concordância. Dados como estes assemelham-se a um fenômeno mais geral do PB, os chamados tópicos-sujeito em que os constituintes, uma vez topicalizados, começam a comportarem-se como sujeitos.

- (33) a. Venta muito nessas janelas.
 a'. Essas janelas venta muito.
 a''. Essas janelas ventam muito.

2.2.2 Caso ou EPP

Obedecendo o Princípio de Economia não teria sentido haver movimento de um elemento que já recebeu Caso - como parece ser o exemplo da configuração com *dar para inf* modal por ter dois possíveis atribuidores -, pois o movimento é uma operação de último recurso. Neste sentido, o que explicaria a estrutura inovadora de *dar* modal? A posição de Nunes (2016) nos parece, até o momento, a mais conclusiva possível para o caso. Segundo o pesquisador, a diferença consiste na presença de diferentes numerações na derivação de distintas construções e dessa forma as duas derivações podem ser salvas. Se existisse apenas uma numeração, a mais econômica se salvaria. Vejamos abaixo:

- (34) a. Essas gavetas_{i P,N} parecem que t_{i N} cabem muita coisa.
 b. Essas gavetas_{i P,N} parecem que Top_{t_i} *proexpl* P,N cabe muita coisa.
 c. Top_PEssas gavetas_i *proexpl* P,N parece que t_{i P,N} cabem muita coisa.
 d. Top_PEssas gavetas *proexpl* P,N parece que *proexpl* P,N cabe muita coisa.

Ao olhar todas as sequências, poderíamos dizer que são totalmente aleatórias quando na verdade o que acontece é que existem conjuntos de numerações diferentes tanto na oração encaixada quanto na Matriz, e cada uma gera uma derivação diferente. A estrutura de (34.a) é um hiperalçamento de sujeito, semelhante à construção aspectual, sendo assim o SN precisa mover-se, pois a flexão está impossibilitada de lhe atribuir Caso¹⁶, por isso sobe para a posição de especificador da flexão matriz. Em (34.b) há um hiperalçamento de tópico, o tópico primeiramente move-se para [SpecTopP] e depois sobe para [SpecTP] matriz. Ainda que a posição final desse SN seja de especificador da flexão, disparando concordância com o verbo matriz, sua posição original é de tópico da encaixada, onde já existe um *proexpl* sujeito que aciona concordância de terceira pessoa a T.

Em (34.c) o SN recebe seu Caso ao acionar os traços de pessoa e número do verbo encaixado e sai de sua posição A para uma posição A' da oração matriz, pois nesta já existe um *proexpl*. Em (34.d), à diferença dos outros exemplos, existe um *proexpl* no [SpecTP] de ambas orações e estes vão acionar a concordância de terceira pessoa do singular nos seus respectivos verbos. Neste caso, Nunes nem menciona o movimento do SN, visto que se trata de um tópico já gerado nesta posição, recebendo um Caso default.

Observando a partir dessa perspectiva, e cientes que, além de terem estruturas de tópico, os dados analisados acima apresentam orações subordinadas flexionadas, diferente dos dados modais que são infinitivos, exploramos a hipótese de que as diferenças estruturais entre *dar* modal e *dar* aspectual e as diferentes ocorrências encontradas na própria modal inovadora - concordância ou ausência de concordância -, sejam explicáveis a partir de diferentes arranjos das numerações, mais especificamente a presença ou ausência de *proexpl*.

Antes de visualizar melhor isso, aprofundemos duas questões mencionadas brevemente na subseção anterior: a correferência e o preenchimento das duas posições à esquerda tanto do verbo subordinado quanto do verbo matriz. Com relação ao primeiro ponto, é evidente o

¹⁶ Para uma melhor explicação, sugerimos a leitura de Nunes (2015; 2020) na qual o autor explica a hipótese de que as flexões no PB estão com traços fracos impossibilitando a marcação de Caso fazendo com que SNs se movam. Não nos deteremos aqui sobre este tema por não tratar diretamente sobre a flexão das orações infinitivas, mas sim dos verbos conjugados.

estabelecimento de correferência entre o SN anterior ao verbo *dar* e a posição de sujeito da oração subordinada. A ausência de correferência inclusive modificaria o sentido do *dar* auxiliar modal, transformando-o em lexical.

- (35) a. Pena que o Otávio não deu pra vir.
 a'. Pena que o Otávio_i não deu pra ele_k vir.
 b. Eles_i deram pra t_i fumar.
 b'. Eles_i deram pra eles_k fumar(em).

O sentido, que antes era de modalidade (35.a), passa a ser o de transferência de posse, como se existisse um objeto elidido (35.a'). Algo similar ocorre na estrutura aspectual, mas essa relação só pode ser marcada por um vestígio de alçamento (35.b), pois o verbo subordinado não atribui Caso. O preenchimento da posição de sujeito da subordinada (35.b') só poderá ser o de *dar* lexical. Isto introduz o segundo aspecto: o preenchimento das duas posições anteriores dos verbos, principal e subordinado, na construção modal.

Considerando que o SN pré-verbal seja um tópico, à semelhança de outros dados do PB, não haveria nenhum problema que existissem SNs nessas duas posições, a menos que Caso também não esteja sendo verificado, visto que isso iria sugerir que cada um destes itens foi gerado em locais diferentes. Visualizemos (36):

- (36) a. Eu não vou dar pra eu ir no banco.
 b. Agora eu sei que a gente vai dar pra gente arrumar o portão.
 c. Acho que vocês deram pra vocês perceber onde eu to querendo chegar.

Ainda que não tenhamos nenhum exemplo em nosso levantamento e que pareça existir uma preferência associada à concordância e às duas posições preenchidas - como já descrita na subseção anterior (30) - a construção em (36.a) é perfeitamente possível. Essa mesma aceitabilidade não pode ser dita sobre (36.b) e (36.c). Não há, portanto, um julgamento muito preciso com relação a estes dados, sendo necessário fazer testes de aceitabilidade¹⁷. Essas diferentes possibilidades de interpretação podem, inclusive, significar diferentes numerações.

¹⁷ O mesmo poderia ser dito com relação ao conjunto abaixo:

- i. Eu já tô dando pra mim levantar depois da cirurgia
 ii. Eu já ta dando pra mim levantar depois da cirurgia

Retomemos a proposta de Nunes (2016) e a observemos em nossos dados. Uma numeração análoga à numeração que dá origem a sentença em (34.c) parece uma alternativa válida para ser analisada, pois poderia explicar dados como (37.a) em que a concordância aparente em *dá* pode significar apenas que o verbo é impessoal e que tem um *pro_{expl}* na posição de sujeito, satisfazendo seu EPP. *A gente*, após receber Caso na oração subordinada, fica inativo para movimento A, mas pode mover-se para uma posição A', tornando-se tópico da oração. Processo similar a este e a (34.b) pode ocorrer em (37.b), no momento em que a numeração não seleciona um *pro_{expl}* para o verbo matriz, e lembrando que na modal tradicional o esperado é sempre ter uma flexão no verbo da oração subordinada, o SN poderá sair de sua posição de SpecTP da oração de baixo para SpecTP de cima, pois a flexão do infinitivo, por estar ausente, parece não atribuir Caso. Da mesma forma, a possibilidade de dados como (36) poderia ser explicada a partir da presença de dois pronomes na numeração.

- (37) a. *TopPA gente pro_{expl} não dá pra t_i colocar uma máscara.*
 b. *Acho que vocês deram pra t_i perceber onde eu tô querendo chegar.*

Como exposto acima, a proposta das diferentes numerações, que produzem distintas sentenças, apresentada por Nunes (2016), não só parece explicar as construções geradas pelo auxiliar *dar*, que distingue a estrutura aspectual da modal inovadora, sendo possível salvar ambas realizações, como também prevê as possibilidades na própria construção modal inovadora - duas posições preenchidas, por exemplo. Esta hipótese também pode ser um caminho para explicar as construções recorrentes no PB, como a realização de tópicos que começam a ser reinterpretados como sujeitos.

Num primeiro momento, estes dados podem causar certo estranhamento, mas também nos levam a um dilema: sentenças como estas são realmente agramaticais ou não temos uma boa intuição por que não possuímos a variedade linguística que utiliza *Da pra mim comer bolo* em detrimento de *Da pra eu comer o bolo*?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos a estrutura modal *SN dar para INF* que se mostrou inovadora por apresentar uma interpretação modal, mas com uma estrutura distinta da construção tradicional, muito mais similar à estrutura aspectual. Nosso objetivo era compreender por que o SN estava nessa posição pré-verbal se já teria dois prováveis atribuidores de Caso. Além disso, buscamos investigar se esse SN era um sujeito ou um tópico. Podemos dizer que nossos objetivos foram alcançados.

A partir da revisão da literatura, da descrição e da análise dos dados, observamos que os SNs à esquerda de *dar* modal podem apresentar características que o definem como sujeito e outras que o definem como tópico, não existindo, aparentemente, uma resposta totalmente conclusiva. Porém, a diferença de interpretação entre a sentença aspectual e a modal inovadora, apesar da semelhança linear entre as duas, nos fez rever essa análise, e nos direcionou a reconsiderar a hipótese de os SNs serem tópicos, visto que na aspectual haveria um alçamento de sujeito. O que explica, portanto, as similaridades do SN dessa construção inovadora tanto com sujeito quanto com tópico é uma tendência mais geral do PB em reinterpretar tópicos como sujeitos até o ponto de estabelecerem concordância, à semelhança dos tópicos-sujeito.

Vimos que esse argumento está diretamente relacionado ao nosso problema de pesquisa - saber se os SNs começaram a aparecer nessa posição pré-verbal por necessidade de Caso ou para satisfazer o EPP da sentença. Nesse sentido, as aportações de Nunes (2016) se mostraram de extrema importância, pois a depender da numeração das sentenças, os SNs podem sair de sua posição original ou por impossibilidade de atribuição de Caso do verbo subordinado, ou, mesmo recebendo Caso em sua posição, subirão para um posição de SpecTopP - se já existe um proexpl na numeração como sujeito de *dar* - ou, ao serem reinterpretados como sujeitos, passarão para uma posição de SpecTP, caso não exista um proexpl na numeração da oração principal, e dessa forma esse SN satisfará o EPP da sentença. Essa análise, porém, ainda é muito incipiente precisando ser melhor refinada em futuras pesquisas.

Assim como essa análise, muitos outros pontos podem ser explorados em trabalhos posteriores, como a estrutura de variação *dar de*, bem como testes mais aprofundados e julgamentos de aceitabilidade. Este trabalho, porém, mais do que propor uma análise, mostra-se relevante por chamar atenção para um fenômeno que ainda é pouco discutido, mas que como vimos assemelha-se a outras ocorrências do PB que parecem confirmar as hipóteses sobre um processo de mudança mais geral da língua.

REFERÊNCIAS

BERLINCK, R.A.; DUARTE, M.E.L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In.: KATO, M.A.; NASCIMENTO, M. (Org.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 81-149.

COELHO, S. M.; SILVA, S. E. P. O continuum de gramaticalização do verbo dar: de predicador a auxiliar. *Scripta*, PUC, v. 18, n. 34, p. 23-40, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2014v18n34p23>. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2014v18n34p23>. Acesso em: 18 maio 2020.

GORSKI, E.M. Combinação de orações: gramaticalização de fenômenos co-ocorrentes. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 3. p. 19-33, set, 2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14782>. Acesso em: 7 maio 2020.

_____. Emergência de dar pra/de no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica. *Fórum Linguístico*, UFSC, Florianópolis, v. 17. n. 1, p. 4342-4356, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020v17n1p4342>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17n1p4342>. Acesso em: 24 set. 2020.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *Veredas*, v. 18, n. 1, p. 1-21, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24970>. Acesso em: 05 ago. 2020.

_____. O sujeito no português brasileiro e sua tipologia. In: PILATI, E.; SALLES, H.L.; NAVES, R. (Org.) *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2017. p. 13-42.

LUNGUINHO, M. V. Sobre a concordância modal em Português. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 11. n.2, p. 117-140, 2017. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v11i2.10474>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/10474>. Acesso em: 18 jun. 2020.

MARTINS, A. M; NUNES, J. Raising issues in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 53–77, 2005. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.159>. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5536/>. Acesso em: 23 out. 2020.

_____. Apparent hyper-raising in Brazilian Portuguese: Agreement with topics across a Finite CP. In P. E. Panagiotidis (ed.), *The Complementiser Phase: Subjects and Operators*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 142–163.

_____. s.d. Apparent Hyper-raising in Brazilian Portuguese: base-generation of topics and long-distance agreement. Manuscrito não publicado.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M.C.; LOPES, R. *Novo manual de sintaxe*. 1º ed. São Paulo: Contexto, 2018.

NUNES, J. Subespecificação de traços- ϕ e hiperalçamento no português brasileiro. In: FIGUEIREDO, C; ARAÚJO, E. (Org.). *Diálogos com Ribeiro: sobre gramática e história da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 121-148.

_____. Subject and topic hyper-raising in Brazilian Portuguese: A case study on reference sets for economy computations. In.: KATO, M.; ORDOÑEZ, F. *The morfosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford University Press, 2016. p. 107-134.

_____. Especificação morfológica de pronomes nominativos, concordância verbal e sujeitos nulos em Português Brasileiro. *Fórum linguístico*. Florianópolis, v. 17, número especial p. 4658-4672, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020v17nespp4658>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17nespp4658>. Acesso em: 23 jul. 2020.

NURC. Projeto da Norma Urbana Culta Rio de Janeiro (NURC digital). Disponível em: <https://nurcrj.letas.ufrj.br/>. Acesso em: 15 out. 2020

NURC. Projeto da Norma Urbana Culta Recife (NURC digital). Disponível em: <https://fale.ufal.br/projeto/nurcdigital/>. Acesso em: 15 out. 2020.

PETERSEN, C. A tripartição pronominal e o estatuto das proformas cê, ocê e você. *Delta*. v. 24. n. 2, p. 283-308, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/28313>. Acesso em: 16 jun. 2021.

PIRES DE OLIVEIRA, R. A expressão ‘dar para/de Infinitivo’ em PB: uma análise formal. XLVIII Seminário do GEL. Assis, SP. Maio/2000. Disponível em: <https://docplayer.com.br/41801517-A-expressao-dar-para-de-inf-em-pb-uma-analise-formal-the-expression-dar-para-de-inf-in-pb-a-formal-analysis.html>. Acesso em: 24 set. 2020.

SILVA, S. E. P. A construção verbal V₁DAR + PREPOSIÇÃO + V₂INFINITIVO: Um estudo na interface sociolinguística e gramaticalização. 2018. *Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva)* - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AYFMT5>. Acesso em: 18 maio 2020.